

DAUNT (Ricardo Gumbleton). — *Diário da Princesa Isabel*. São Paulo. Editôra Anhembí. 1957. 106 págs.

Em 1884 visitaram a então província de São Paulo os Condes d'Eu (Príncipe Gastão de Orléans e Princesa Isabel), acompanhados de seus três filhos e de outras pessoas gradas. Durou a viagem de 5 a 27 de novembro. Entraram os viajantes pelo vale do Paraíba e alcançaram Sorocaba, Ipanema, Tietê, Capivari, a fazenda Ibicaba (do Senador Vergueiro), Campinas, e, depois de regressarem a São Paulo, dirigiram-se para Santos, donde rumaram para o sul do País. Numa série de cartas dirigidas ao Imperador, relatou a Princesa Isabel a viagem realizada, sob a forma de diário, documento este que foi divulgado pelo Dr. Ricardo Gumbleton Daunt, que o anotou farta e exaustivamente. À prestigiosa revista *Anhembí*, infelizmente desaparecida, coube a prioridade da publicação do interessante diário, posteriormente editado em volume. Yan de Almeida Prado, erudito e paciente investigador de nosso passado, após-lhe excelente prefácio em que estuda o ambiente oferecido pela província de São Paulo por ocasião de imperial visita. Ambiente não apenas político, mas também cultural, social, econômico, um lustro apenas antes de ruir-se a instituição monárquica.

Lembra o prefaciador a posição difícil criada em tórno dos príncipes naquele últimos anos do regime imperial: êle, jamais conseguindo captar a simpatia dos brasileiros, apesar dos muitos momentos de dedicação ao País, principalmente quando comandante das fôrças em operação na fase final da guerra contra Lopez; e a própria princesa, vendo explorados contra a sua pessoa, naqueles anos de fermentação republicana e positivista, até os seus sentimentos religiosos, como que a prometer "reinado obscurantista no gênero da monarquia absolutista orientada pelo Santo Offício". Todavia, lembra, ainda, o prefaciador, as cartas ora reproduzidas "revelam imagem muito diversa". Através delas, "surge-nos personalidade esclarecida, sensível, indulgente, capaz de compreender problemas individuais e coletivos, interessada tanto em assuntos elevados como nos que tocam o eterno feminino" (pág. 17).

A essa visita, empresta o sr. Almeida Prado caráter nitidamente político. Sob êste aspecto, porém, seu resultado foi nulo: "A sorte da monarquia decidia-se no momento na capital do País entre militares e civis competidores entre si, igualmente republicanos e resolvidos a derrubar o trono" (pág. 24).

Tudo na província paulista se afigurou bom e amável à nobre viajante. Contudo, o seu espírito refletido não deixava de reparar no que lhe parecesse errado, seja na crítica que faz a uma igreja de Lorena, seja na maneira, por assim dizer escandalosa, com que se processavam os exames na velha Academia de Direito. Algumas visitas feitas em São Paulo caracterizam a Paulicéia de então: o solar do Marquês de Três Rios (ocupado posteriormente pela Escola Politécnica), a Faculdade de Direito, o jardim público com o famoso "canudo do Dr. João Teodoro", a tipografia de Jules Martin (futuro construtor do velho

Viaduto do Chá), a casa Garraux, a escola normal, o Grande Hotel, a chácara do francês Joly (para os lados do Brás), o Instituto Ana Rosa, o seminário episcopal, o recolhimento da Glória, a casa Levy (pianos), a fábrica de chapéus de João Adolfo, o monumental edifício do Ipiranga (já construído, mas ainda não utilizado e onde futuramente se instalaria o museu do Estado), o mercado, a Ilha dos Amores, o Clube Haydn, de tanta significação na vida artística da época e onde tiveram os visitantes imperiais oportunidade de assistir um concerto “soporífero, por causa da falta de nuances, ritmo e movimento adequado”. Assim mesmo, “fizeram muito para os meios de que dispunham”, remata a princesa o seu comentário. Convém observar que nesse concerto, cujo programa o anotador divulgou, foram executadas, provavelmente pela primeira vez em São Paulo, as duas primeiras sinfonias de Beethoven. Dirigia a orquestra um sr. E. Pons, que d. Isabel já conhecia de Petrópolis, onde se apresentara como barítono. Do quarteto, que executou uma peça de Haydn, fazia parte José Pedro de Sant-Ana Gomes, irmão de Carlos Gomes. A divulgação do programa desse concerto, realizado aos 22 de novembro de 1884, permite retificar o que escreveu d. Amélia de Rezende Martins a propósito das primeiras execuções de sinfonias de Beethoven em São Paulo. Segundo a ilustre musicista, aquelas sinfonias só teriam tido suas *premières* em São Paulo em 1885, num concerto dirigido por Alexandre Levy.

Na visita ao interior, teve d. Isabel sua atenção voltada especialmente para a fábrica de Ipanema, para os engenhos de Capivarí (Raffard) e para a fazenda de Ibicaba. As visitas feitas em Campinas, marcam a fisionomia da cidade naquela época: a matriz da Conceição (com os sempre admirados entalhamentos de Vitoriano dos Anjos), o bosque dos jequitibás, a Santa Casa de Misericórdia, a escola-monumento Corrêa de Melo, a Beneficência Portuguesa, as oficinas de Mac-Hardy (máquinas agrícolas) e o Colégio Culto à Ciência, de tanta tradição na história cultural paulista, transformado hoje em colégio estadual.

Rápidas e extremamente sintéticas como são, as notas de viagem de d. Isabel teriam pouco interesse para o leitor de hoje, sem as anotações do dr. Ricardo Gumbleton Daunt, nome que possui brilhante fôlha de serviços à historiografia paulista e em nada desmerecedor daquele que tanto se destacou na terra campineira, no século passado. Suas notas valem por verdadeiras lições de história paulista, particularmente da cidade de São Paulo.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

*

* *